

O TEMPO NO AMOR¹

Inez Lemos²

Quem conduz o tempo no amor é o desejo. Para que uma relação amorosa aconteça é necessário que os envolvidos estejam desejosos do amor. O amor, como a vida, requer boa vontade para deslizar, fluir. Amar é escorregar, despencar sentimentos. Aspirar ao amor é preparar a alma para que ele entre e se instale como hóspede esperado, aguardado. Significa colocar-se disponível para uma experiência em construção - que implica paciência, trabalho. Implicar no amor é cuidar, lutar para que a relação se amplie, desenvolva e produza bons momentos. Felicidade a dois, mais que mistério e presente divino, é experiência que exige envolvimento de ambas as partes. Contudo, é muito importante que os interessados no amor tenham tempo para ele, tempo para esperá-lo crescer, amadurecer, acontecer. O amor é como um relógio que pára, anda para trás e depois volta a funcionar. O tempo no amor é um tempo sem tempo, um outro tempo diferente do tempo do trabalho, da produção. Amar é dar corda no relógio (do amor), cujas batidas saem do coração. O amor é lento, preguiçoso - ele vai, volta e segue a lógica da fantasia, que quase sempre é sem lógica.

No filme *O amor nos tempos do cólera*, Florentino Ariza espera 50 anos para concretizar seu sonho – levar para a cama a bela Fermina Daza – paixão que cultivou durante toda a sua vida. Quando, finalmente, os dois se viram livres e desimpedidos para assumirem o amor ao qual estavam condenados, quando o grande encontro se realiza, o tempo pára, hasteiam-se as bandeiras, o barco desce o rio num percurso diferente, sem paradas. O grande personagem da viagem não era mais a mercadoria - o econômico tornou-se secundário. Se para o capitalismo, tempo é dinheiro, para o amor não há dinheiro que compre o tempo de amar, tempo precioso, guloso – no amor, todo tempo é pouco.

Já o tempo no amor cibernético, amor velocidade, tecnológico, é mínimo. O amor com tempo corrido é amor também mínimo, minguado, nanico, miúdo. Hoje a moda é ficar pouco tempo com o outro, tempo apenas para explorar seu corpo, extrair alguns minutos de

¹ Artigo Publicado no jornal BeagáSavassi em 08/02/2008

² Psicanalista e criadora do blog: amoresurgentes.blogspot.com

prazer. Enquanto Florentino esperava Fermina, ele ficou com várias mulheres - transou bastante, soube viver os prazeres do sexo, mas nada que pudesse comparar com o êxtase da noite em que conduziu Fermina ao leito do amor. Acredito que o feito maior do romance de Gabriel Garcia Márquez, e que Mike Newell transportou para o cinema, foi ter transformado o amor num acontecimento épico, verdadeira epifania. *O amor nos tempos do cólera* é uma ópera ao amor. Ele deixa de ser um encontro entre duas pessoas para se afirmar como um fundamentalismo afetivo, amoroso - algo que funda o sentido da vida e reforça a crença no humano. Talvez o único fundamentalismo aceitável.

Garcia Márquez homenageou os que reverenciam o amor e que a ele dedicam suas vidas. Sem convicção dificilmente vamos saber o que é o amor, tampouco correr o risco de sermos contaminados por sua magia. Eis um filme que enaltece a sabedoria dos amantes - aqueles que transformam a experiência do amor num plano de metas, numa agenda íntima. Cultivar o orgasmo como metáfora de vida - acreditar nos *insights* que emergem da alma é mais que arte, é surfar no tempo do coração - e que só faz bem às coronárias.

O tempo no amor deve ser uma criação entre enamorados, diferente da corrida frenética ao gozo.